

Eduardo Rocha¹
Celma Paese²

Eu moro na cidade, e a cidade mora em mim
(Pallasmaa, Os olhos da Pele, 2011, p.38).

Neste segundo número dedicado aos estudos sobre Cartografia Urbana, os textos focam em assuntos que chamam ao debate sobre caminhabilidade e cartografias subjetivas, suas aproximações e atravessamentos.

O caminhar interessa cada vez mais para as cidades, pois sabemos da conexão entre pessoas se deslocando a pé e lugares da cidade com alto nível de socialização e qualidade de vida. Ambientes urbanos que facilitam em seu planejamento o deslocamento pé – às lojas, trabalho, escola, equipamentos e serviços – são os melhores lugares para se viver e, conseqüentemente, potencializam os valores imobiliários, além de promoverem estilos de vida mais saudáveis e com níveis de coesão mais elevados.

Enquanto caminhamos, cartografamos. Lemos e escrevemos a nossa própria cidade com os pés, que conectam a energia dos caminhos ao corpo em movimento. Com os sentidos observamos, nomeamos, desenhamos a cidade enquanto sinalizamos caminhos poéticos para representar diferentes leituras.

Como no número caminhográfico anterior, os desenhos de capa e de aberturas das seções são obra da artista-arquiteta Fernanda Fedrizzi, enquanto a editoração é de autoria da arquiteta Taís Beltrame dos Santos.

Também neste número temos a segunda e última parte do ensaio, *Sobre Cadeiras e Clareiras: uma leitura sobre a domesticação em regras para o parque humano de Peter Sloterdijk*, de nosso autor convidado, Fernando Fuão. O autor continua a expor suas ideias sobre o quanto somos domesticados para criar arquiteturas e corpos que habitam o universo considerado esteticamente aceitável, enquanto o que carrega a diferença, desestabilizando o enquadramento social com sua simples presença, ao questionar a existência regrada, mostra alternativas às ansiedades e inquietações consumistas. Ser frequentemente é mais compensador do que ter. Porém, nem sempre desejamos ver este outro lado da vida.

¹ Professor Associado no Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAUrb), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel); e Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/FAUrb/UFPel), na Área de Concentração Arquitetura Patrimônio e Sistemas Urbanos, Linha de Pesquisa: Urbanismo Contemporâneo. Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS, 2010) e Pós-Doutor pela Università Roma Tre (Dipartimento di Architettura/Laboratorio Circo/Stalker, 2019).

² Professora Permanente do PPGAU Programa de Pós-Graduação em Projeto de Arquitetura e Urbanismo da FAU UNIRITTER, onde coordena o Projeto de Pesquisa e Extensão Cartografia da Hospitalidade. Pós-Doutora PNPd CAPES no PPGAU-Mestrado associado Uniritter-Mackenzie, Graduada em Arquitetura pela UNIRITTER (1985). Mestrado (2006) e Doutorado (2016) em Teoria, História e Crítica da Arquitetura no PROPAR-UFRGS.

O Caminhar como Elemento de Percepção do Espaço Urbano: usos e apreensões em uma Rua do Centro de João Pessoa-PB, conta sobre um trabalho desenvolvido na disciplina de Estágio Supervisionado I, do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPB. O ponto de partida é a relação entre produção do espaço urbano e as pessoas, pela análise do ato de caminhar enquanto forma de percepção e intervenção urbana em uma rua do Centro de João Pessoa-PB. Apoiando-se em autores como Careri, Alessandra Moura e José Alberto de Araújo entendem o caminhar como um fator condicionante para a transformação da significação do espaço, que acontece pela percepção do meio urbano pelos pedestres. Partindo desses pressupostos, trabalha-se com perspectivas que relacionam o caminhar com as práticas sócio espaciais, estas mediadoras das múltiplas formas de utilização e apropriação do espaço público.

No artigo, *Uma Breve Incursão ao Interacionismo Simbólico na Cidade*, Marcel Wendell Alves da Costa propõe uma discussão teórica sobre antropologia urbana e sua interação com o simbólico na cidade. O autor chama à luz questões como a relação entre patrimônio cultural e simbólico no contexto do urbanismo contemporâneo; os espaços de representação da cidade para o desenvolvimento da interação simbólica cotidiana. Marcel ainda analisa como os espaços públicos e fechados são contextualizados espacialmente para a representação social das pessoas pela prática da *caminhografia urbana*.

Em, *Tessituras de Agora, Tecituras de Outrora: uma conversa em performance*, as autoras Luana Silvino, Julia Porto e Carolina Rochefort descrevem experiências de tessitura e tecitura entrecruzadas em *Acordo* uma performance artística e escrita-voz, que aconteceu na abertura da exposição *Conjugar o Caminho*, no Atelier Museu Barra do Chuí/RS/Brasil, no verão de 2019. Na performance acontece um jogo de feitura e desfazimento ao destecer, tecer, e retercer uma corda ou cabo náutico retirado da praia da Barra do Chuí. O jogo enreda o público na sua subjetividade, ao fazer pensar nas tramas da vida e nas multiplicidades em redes de movimento e repouso.

Signos Funerários como Intervenção Urbana: uma via dolorosa pela urbe, utiliza a metodologia de Vilém Flusser para propor uma deriva que mapeia o percurso de marcos cartográficos criados em lugares onde ocorreram mortes, na cidade do Rio de Janeiro. São manifestações artísticas que ressignificam os lugares do acontecimento com intervenções artísticas e/ou performáticas, que Simã de Lima Pinto e Hercules Ferreira entendem como um gesto de piedosa memória.

A Imagem de Minha Insônia: Brasília, cidade-máquina melancólica, de Ana Carolina Lessa utiliza a caminhografia urbana para explorar as diferentes manifestações de melancolia em Brasília, focando na releitura benjaminiana da melancolia freudiana, ilustrada pela melancolia de esquerda, que acontece pela perda do projeto socializante da cidade. Em um segundo momento, a partir de Virílio, a autora identifica Brasília como cidade-máquina, enquanto procura expor a perpetuação deste ethos melancólico que gera mal-estar retratado na urbanização agenciadora do aumento da fissura social.

A Rua dos Arcos para as Pessoas: projetar para caminhar, de Zamara Ritter, Bruna Lermen, Luan Klebers e Luis Pippi, descreve uma ação que procura reestabelecer o caminhar como prática social de apropriação, e ressignificação do espaço urbano. Enquanto se caminha, acontece a cartografia urbana subjetiva que, através dos sentidos ressignifica os lugares urbanos da Rua dos Arcos, de Frederico Westphalen.

A Percepção das Cores em Espaços Públicos Através da Caminhada: recomendações para projetos de wayfinding a partir do estudo das cores mais perceptíveis por usuários com baixa visão, é um interessante estudo sobre a forma como são planejados

espaços públicos de lazer, onde na sua maioria a acessibilidade não é prioridade. Focando principalmente pelas dificuldades que um usuário com deficiência visual se depara quanto à orientação espacial e a caminhada, Luiz Gilberto Silva, Fernando Kikuchi e Adriana Portela propõem, a partir de revisão da literatura, um olhar sobre a importância das cores para projetos de wayfinding eficientes. A investigação propõe recomendações de cores para projetos de sinalização em espaços públicos, que possibilitem à usuários com baixa visão melhores condições de uso e apropriação.

Ensaio Urbanos para a Requalificação de Travessias: estudo de casos aplicado à Avenida Dom Joaquim, Pelotas/RS, estuda a qualidade da caminhabilidade das travessias de pedestres que se encontram corredores verdes urbanos, adotando como estudo de caso a Avenida Dom Joaquim, eixo viário emblemático localizado na cidade de Pelotas, RS. Liziane Jorge, Mariana Rotta, Luiza Moscarelli e Julia Rodrigues utilizam a Avaliação Pós-Ocupação para desenvolver ensaios urbanos para a requalificação de travessias.

Análise de interação com os usuários da Pista Multiuso da Universidade Federal de Santa Maria, de Aline Oliveira, Echilly de Macena, Anna Laura Preissler, Cristina Gisele Franz, Luis Guilherme Pippi e Vanessa Dornelles analisam a interação com os usuários da Pista Multiuso da Universidade Federal de Santa Maria, em nível qualitativo. Desde seu palnejamento em 2014, a pista é observada pelo Laboratório de Paisagem e Arquitetura da Universidade Federal de Santa Maria (PARQUI -UFSM) através de métodos de avaliação pós-ocupação.

A Implantação de Museus como Estratégia de Definição da Paisagem Urbana: o caso da Pinacoteca de São Paulo, de Fernando dos Santos Calvetti, Lillian Louise Fabre Santos e Isabella Erig Omizzolo. Investigam e analisam o significado espacial da Pinacoteca, como equipamento urbano frente à imagem e na leitura da cidade de São Paulo, como instrumento de valorização e estruturação de capitais social e cultural. Ainda analisam historicamente a região da Luz e questiona qual o papel daquele museu como equipamento cultural em uma paisagem urbana heterogênea de uma metápolis como São Paulo.

No artigo intitulado, *Do Encontro das Águas, a Criação do Lugar: um estudo sobre o Parque Urbano da Orla do Guaíba*, do grupo formado por Silvia Farias, Luis Guilherme Aita Pippi, Vanessa Goulart Dornéles e Luan da Silva Klebers, versa sobre os aterros do Lago Guaíba e a nova configuração da orla do Guaíba, a partir de método quantitativo nos mostra quais formas de deslocamento e mobilidade vem sendo utilizadas pelos usuários que cruzam esse novo lugar.

Em, *Narrativas fotográficas de Pelotas e Satolep no Instagram*, Eduardo Oliveira Soares, nos apresenta um mapa de *Satolep*, a partir dos conceitos de *studium* e *punctum* de Roland Barthes, mostrando a diversidade nas ruas, um patrimônio vivo e saudosista.

Laura Lopes Cezar em, *Retratos da vida: collages do caminhar e parar*, nos apresenta seu encontro nas cidades em que viveu e conviveu, como um exercício de memória, *collage* e ficção. Como uma stalker contemporânea, ela segue e registra seus fantasmas e espectros.

Nosso último artigo, *A Iluminação na Construção de Lugares [em ação]: um estudo de caso do Natal Imperial em Petrópolis/RJ*, de Juliana Meirelles Guerra discute a performance e protagonismo da iluminação e cenarização de natal, enquanto essencialmente semióticos, e sua importância enquanto agente de *placemaking*. O estímulo à *flanerie* das pessoas pela cidade ornamentada, a conexão e interação

entre os usuários, e o incremento das trocas econômicas e do turismo na cidade contemporânea, tomando como caso exemplar o Natal Imperial, em Petrópolis/RJ.

Encerrando a décima segunda edição, temos três ensaios visuais, na seção Parede Branca: *Diário de Campo: dia 06, Montevideo*; de Tais Beltrame dos Santos e; *Movimentos de um Mapa Afectivo: Uma Experiência Cartográfica Feminista em Ônibus*; de Shirley dos Santos; são partes dos diários de campo das pesquisas das mestrandas do Grupo Cidade+Contemporaneidade. Finalizando a edição temos o ensaio de Humberto Levy de Souza, *Chove na Cidade, hoje o dia está lindo*, no qual retrata uma performance caminhada na cidade de Pelotas.

Sigamos caminhando, em todos os sentidos e direções, descobrindo novos mundos, seja na cidade ou praticando a deriva estática nas nossas casas. Boa leitura!

Celma Paese e Eduardo Rocha